

Encontro define cooperação na educação

Ministros de países membros da OEA concluem que essa é principal arma para desenvolvimento

GABRIELA ÁTHIAS

Enviada Especial

BRASÍLIA – Ministros da Educação dos 34 países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA) começaram a definir ontem, durante a reunião do Conselho Interamericano de Desenvolvimento Integral (Cidi), no Itamaraty, em Brasília, a criação de programas de cooperação hemisférica na área de educação. “A educação é a principal ferramenta de promoção do desenvolvimento na América Latina”, disse o secretário-geral da OEA, César Gaviria.

Os projetos avaliados pelo Cidi foram definidos a partir da 2.^a Cúpula das Américas, realizada em Santiago, no Chile. Hoje, os ministros decidem os programas a serem adotados pelo continente.

Para estabelecer parâmetros hemisféricos de educação, é necessário criar programas que reforcem a integração entre os países do continente americano, como o Projeto Interamericano de Avaliação Educacional, para alunos de 1.^o e 2.^o graus, que, depois de ser aprovado, começará em 1999.

Além disso, os ministros estão avaliando projetos que reforcem os

sistemas nacionais de estatística e de produção de indicadores educacionais e a formação de professores, além da criação de um foro hemisférico permanente de tecnologia de informação e comunicação aplicada à educação.

A representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Nancy Birdsall, reforçou a intenção – já manifestada durante a reunião de Santiago – de dobrar o montante de investimentos do banco na América Latina e no Caribe para financiar projetos educacionais, de US\$ 2,5 bilhões para US\$ 5 bilhões nos próximos cinco anos.

O maior obstáculo da criação de um projeto interamericano de avaliação são as desigualdades existentes entre os países. Enquanto o Brasil mantém um percentual de analfabetismo de 15%, a Argentina e o Uruguai, por exemplo, ostentam taxa zero desde o início do século. Já cerca de 50% da população do Haiti, acima de 15 anos, não sabe ler ou escrever. Para o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, essa diferença é justamente o fator de estimulação dos acordos de cooperação internacional na área de educação.

Em agosto, pela primeira vez, durante a Oficina Regional de Edu-

cação para a América Latina (Oreal), que acontecerá no Chile, um grupo de especialistas em educação vai avaliar o resultado de testes idênticos aplicados para alunos de 15 países do continente americano, para que seja feito um estudo comparativo dos resultados.

Escola virtual – Durante a reunião do Cidi, o diretor do Departamento de Educação do BID, Claudio de Moura Castro, apresentou aos ministros, ainda extraoficialmente, a Escola Virtual. O projeto, orçado em US\$ 10 milhões, usará tecnologia de ponta para o estudo de matemática, física, química e biologia.

Segundo Moura Castro, o projeto, que deverá ter recursos a fundo perdido, ainda não tem data para começar, mas três parceiros já garantiram participação: Chile, Colômbia e Brasil. No início, serão escolhidas 50 escolas de cada país. Alunos e professores, por meio de recursos combinados – vídeo, computador e Internet –, terão aulas com os maiores especialistas nas disciplinas que compõem a Escola Virtual. “Não vamos aprovar um currículo-padrão para os países”, explica Moura e Castro. “Vamos eleger os assuntos estratégicos para preparar cidadãos para o século 21”, diz.

PROGRAMAS
DEVEM
REFORÇAR
INTEGRAÇÃO